

O homem e a morte

Ao Homem disse, um dia, a Vaidade excitante:
 — «És o rei da criação! A Terra toda é tua!...»
 O Orgulho comparece e, presto, continua:
 — «Ave, senhor da vida, altíssimo gigante!...»

Na sombra espessa, em torno, a Descrença acentua:
 — «Nada existe, afinal, sem teu cetro brilhante!...»
 E a Fortuna declara: «Ordena, comandante!
 Do meu áureo poder ninguém te destitua!...»

E o Homem dá-se todo à carreira ilusória,
 Bradando para os Céus em delírios de glória:
 — «Deus, se existes, oh! Deus, jamais me sobrelevas!...»

Mas a Morte aparece e, num simples segundo,
 Vê-se triste e sózinho o monarca do mundo,
 Intimado a pensar no silêncio das trevas...

JOSÉ CIRILO CHAGAS

Recordações em Leopoldina

A sombra amiga destes montes calmos,
 Meu pobre coração de anacoreta,
 Amortalhado em fina roupa preta,
 Desceu à escuridão dos sete palmos.

Viera o fim dos sonhos intranquilos,
 Entre grandes e estranhos pesadelos,
 Satisfazendo aos trágicos apelos
 Da guerra inexorável dos bacilos.

A morte terminara o horrendo cerco,
 Sufocando as moléculas madrastas...
 Eram milhões de células nefastas,
 Voltando à paz do túmulo de esterco.

Indiferente aos últimos perigos,
 Meu corpo recebeu o último beijo
 E comecei o lúgubre cortejo,
 Sustentado nos braços dos amigos.